

## DDT NA BIBLIOTECA DA FFLCH AMEAÇA A SAÚDE DE TRABALHADORES E USUÁRIOS

No fim de 2013, os trabalhadores (técnicos, monitores e bibliotecárias) da biblioteca da FFLCH começaram a manipular um acervo doado pela família de um ex-professor falecido. Como vários deles apresentaram imediatamente sintomas de diversas naturezas, foi solicitada a higienização dos livros, para o que foi contratada uma empresa. Entre março e abril de 2014, com os livros já higienizados, os trabalhadores da biblioteca voltaram a manipular o acervo, preparando seu tombamento. Novamente, funcionários e monitores que entraram em contato com os livros começaram a se queixar de diferentes combinações dos seguintes sintomas: dor de cabeça, dores no corpo, náusea e ânsia, sangramento do nariz, tosse, dor de garganta, dificuldade respiratória, ardência e inchaço dos olhos e do rosto, vermelhidão na pele e coceira.

Em razão disso e por ter percebido um pó branco em exemplares da coleção, a bibliotecária que trata da conservação do acervo sugeriu à diretora da biblioteca, Sra. Maria Aparecida Laet, que solicitasse um laudo químico sobre livros desse acervo. O encaminhamento dado pela diretora foi pedir um laudo a bibliotecárias (!) do Museu de Zoologia, que indicou a presença do inseticida "Neocid" (reconhecidamente tóxico) e afirma que o produto não "oferece riscos de morte aos insetos e por consequência ao ser humano também". Os trabalhadores, no entanto, continuavam a sentir os sintomas e, não suportando mais, retiraram os livros de sua sala, com autorização da chefia do setor, pois não era possível seguir trabalhando com eles nessas condições. A Sra. Maria Laet, então, repreendeu, aos gritos e na frente dos outros funcionários, a bibliotecária chefe-substituta da seção pela atitude, o que levou aos prantos e a apresentar seu pedido de destituição do cargo de chefe- substituta do setor.

Os funcionários, diante disso, decidiram entrar em contato com sua representação na Congregação e no Sindicato, por perceberem que a situação já era insustentável, que não havia espaço para o diálogo e que aquela que deveria ser a primeira responsá-

vel pela saúde e segurança deles os estava repreendendo, com métodos assediadores, por agirem em defesa de sua saúde e da de todos os usuários da biblioteca.

O caso foi levado ao diretor da Faculdade, Prof. Sérgio Adorno, que se negou a receber um diretor do sindicato presente, uma representante da CIPA, os próprios trabalhadores da biblioteca e dois monitores, todos escolhidos pelos trabalhadores da biblioteca, aceitando receber somente a representante dos funcionários na Congregação e chamando, de sua parte, a Sra. Laet e a assistente administrativa da Faculdade. A companheira representante na Congregação expôs a situação e a reivindicação de que o material fosse isolado e encaminhado para análise por um instituto especializado em laudos dessa natureza, que depois fossem tomadas as providências necessárias para descontaminação e que os trabalhadores tivessem acompanhamento médico e não voltassem a manipular os livros até que nova análise garantisse sua segurança.

O Prof. Adorno determinou o acompanhamento pelo SESMT, o exame do material pelo IPT e o isolamento dos livros. O acompanhamento médico só começou a ser realizado há duas semanas, passados quase 8 meses desde que foi feita a reunião com o diretor. Os trabalhadores pediram a divulgação do laudo do IPT, mas isso foi negado pela Sra. Laet; após novo pedido, na Congregação da Faculdade, o laudo, datado de 1 de outubro, foi finalmente divulgado pelo Prof. Adorno no dia 3 de dezembro. Afinal, está oficialmente constatado que os livros estão contaminados por DDT e quantidades menores de DDD e DDE, três compostos tóxicos da classe dos organoclorados, que podem causar os mesmos sintomas sentidos pelos trabalhadores e, em determinadas situações, doenças graves, câncer e morte.

Conhecendo o laudo, a Sra. Laet argumentou, quando uma comissão eleita pelos trabalhadores pediu a divulgação do laudo, que não havia ne-

nhuma prova, nenhum laudo médico que indicasse que os trabalhadores haviam se contaminado com o material. Vejamos: todos os trabalhadores que entraram em contato com o material, que ela sabe que está contaminado, sentem diferentes combinações dos mesmos sintomas, que são sintomas possíveis de intoxicação química, e ela quer que acreditem que isso pode ser coincidência!??

Além disso, o “isolamento” dos livros foi feito precariamente; estão até hoje dentro da biblioteca, atrás de um tapume, que tem uma pequena janela aberta, e está aberto por cima. Isso gera grande insegurança, pois não há como garantir que essa substância, um pó branco, não tem potencial dispersivo e que não esteja sendo espalhado por ventiladores e ar condicionado, contaminando toda a biblioteca (a literatura sobre DDT afirma que ele se propaga).

É evidente que, não fossem os trabalhadores da biblioteca, que se negaram a seguir trabalhando naquelas condições e denunciaram a situação, os livros teriam entrado no acervo público da biblioteca e em circulação, expondo milhares de estudantes, professores e usuários à contaminação com esse material. E isso ainda pode vir a acontecer, pois as doações não passam por uma análise preventiva, e existem agentes de contaminação que não causam sintomas imediatos, mas causam problemas de saúde graves em longo prazo.

Fica claro também que essa situação é consequência e expressão de um problema maior, que é a organização autoritária do trabalho e um ambiente de falta de respeito aos trabalhadores. Naquela mesma reunião com o Prof. Adorno, em abril, a representante dos funcionários na Congregação reivindicou à Sra. Laet que apresentasse um pedido formal de desculpas à chefe-substituta e aos tra-

lhadores, que haviam se sentido humilhados com seu tratamento e repreensão; caso contrário, alertou que esses trabalhadores buscariam seus direitos por entenderem que essa conduta configurava assédio moral. Em resposta, o Prof. Adorno disse que aquilo constituía uma ameaça, ou chantagem, e que ele não toleraria isso. Ora, tratava-se de uma denúncia, por um lado, e de uma reivindicação, por outro, e não de uma ameaça, razão pela qual o diretor da Faculdade teria a obrigação de apurar a situação, ouvindo os funcionários diretamente envolvidos nela. Ao contrário, preferiu dar crédito à diretora e ignorar a atitude de assédio. Vale dizer que o mesmo diretor abriu um processo contra um funcionário que é diretor do sindicato e trabalha na unidade, acusando-o de violação do artigo da CLT que prevê demissão por justa causa por “desídia” (deslincência com o trabalho, baixa produtividade e assiduidade); e quando foi questionado, em reunião com vários diretores do sindicato, sobre por que havia aberto um processo tão mal fundamentado, que ele insistia que não tinha motivação política, respondeu que “havia uma denúncia, e quando recebo uma denúncia não me cabe julgar seus fundamentos, mas abrir o processo para apuração”. Aparentemente, isso não vale para os chefes com cargos de confiança ou para as denúncias de assédio feitas pelos trabalhadores. Esse processo está parado há um ano, e há mais de dois meses o Prof. Adorno se comprometeu a informar sobre seu encaminhamento, mas não o fez. Também há mais de um mês os trabalhadores aguardam por um espaço na sua agenda para reuniões solicitadas por ofício para debater as restrições a liberações sindicais que acontecem na FFLCH, a situação das trabalhadoras e trabalhadores terceirizados que tiveram o quadro reduzido, e o próprio tema da biblioteca.

**Basta de adoecer no trabalho! Que sejam tomadas todas as medidas frente ao problema deste acervo contaminado, garantindo em primeiro lugar a saúde dos trabalhadores, e com total transparência e acompanhamento dos próprios trabalhadores em relação a essas medidas! E que da mesma forma sejam tomadas as providências, com acompanhamento dos trabalhadores, para impedir que isso possa voltar a acontecer!**

## **BASTA DESTA SITUAÇÃO DE AUTORITARISMO, FALTA DE DIÁLOGO E NATURALIZAÇÃO DO ASSÉDIO MORAL!**

### **REINTEGRAÇÃO DE BRANDÃO E RETIRADA DOS PROCESSOS!**